

Gazeta de Braga

PUBLICA-SE ÀS TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Proprietario, Redactor principal e Editor responsavel — o bacharel Augusto Clemente de Souza Geão.

Subscreve-se

POR UM ANNO 2500 — COM ESTAMPILHA 2580
POR SEIS MEZES 1530 — COM ESTAMPILHA 1510
POR TRES MEZES 700 — COM ESTAMPILHA 820

NUMERO AVULSO 40
ANNUNCIOS POR LINHA 30
REFEREÇIO 25

Assigna-se e vende-se n'esta typographia, Rua Nova n. 42. — Corresponciencias d'interesse particular são pagas. — Toda a correspondencia deve ser dirigida ao escriptorio da redacção da Gazeta de Braga, Rua Nova n. 42. — Quando os escriptos forem de natureza, que impliquem responsabilidade, é necessario reconhecimento de tabelião. — As assignaturas serão pagas á recepção do 4. numero.

NUM. 7.

SEXTA FEIRA 16 DE DEZEMBRO DE 1864.

I. ANNO

EXPEDIENTE.

A redacção da «Gazeta de Braga» agradece aos seus collegas a obsequiosa deferencia, que tiveram de remeter-lhe os seus jornaes, durante a interrupção d'esta folha.

GAZETA DE BRAGA.

Continúa a imprensa a occupar-se largamente do assassinato do infeliz Agostinho Julio, sendo involvido n'este drama sanguinolento e horroroso o nome d'um homem, que occupa uma elevada posição na hierarchia militar.

O sr. Francisco de Paula Lobo d'Avila, general de artilheria, verga hoje debaixo do pezo do libello mais infamante—é accusado de cumplicidade na consummação do assassinato, perpetrado na pessoa d'Agostinho Julio, na encruzilhada de Soutinho aos 25 de Julho de 1850.

A independencia, com que entramos na imprensa, força-nos a fazer algumas considerações sobre este acontecimento, que hoje preoccupa e prende a attenção publica. Não é nosso intento analysar, se foi a animosidade politica, que desentrou um proces-o, cujas folhas estão salpicadas do sangue d'uma victima assassinada cobardemente.

Não encaramos pois esta questão pelo lado da politica, encaramol-a

pelo lado da moralidade publica, encaramol-a pelo lado da dignidade e credito do nosso paiz, encaramol-a finalmente pelo lado da alta posição do accusado.

Não nos importa saber a que grupo politico pertence o general accusado. Importa saber ao paiz, se o libello accusatorio é falso ou verdadeiro.

Pelo vulto, pelas grandes proporções, que tem tomado esta questão, o sr. Lobo d'Avila não pode deixar de correr ao tribunal da opinião publica a exhibir as provas plenissimas da sua innocencia, a destruir completamente a accusação gravissima que lhe fazem.

Parece-nos incrível que um general coberto de honras e condecorações pelos nossos governos esteja cumplice n'um attentado d'esta ordem! Desejamos que se justifique, e esperamos vel-o triumphante das vilipendiosas e infamantes arguições, que os seus accusadores lhe tem exprobado na imprensa.

Um facto sem exemplo na historia do governo representativo, e sem precedente conhecido nos fastos da monarchia absoluta, como observa um nosso collega da capital, traz agitados os espiritos, offendidas as consciencias, escandalizados os sentimentos moraes d'um povo inteiro. Pergunta o paiz a si proprio, inquirem-se os homens honestos de todas as procedencias se a moral foi proscripta das relações politicas, se o decoro foi banido das regiões officiaes, se as ideias acceitas e vul-

gares da criminalidade e da innocencia, da suspeição e da pureza, se confundiram e baralharam por tal arte no senso dos poderes publicos, que já não haja distincção entre as consciencias immaculadas e as reputações pollutas, que seja indifferente á auctoridade o perder ou conservar a virgindade da sua fama, a sanctidade da virtude, a estima dos amigos, a veneração dos indifferentes e a justiça imparcial dos adversarios.

Se o sr. Francisco de Paula Lobo d'Avila permanecesse no silencio ás arguições dos seus perseguidores, se o governo o conservasse no fastigio do seu cargo, sem elle proclamar a sua justificação — a moralidade publica tem desaparecido d'este paiz, o crime seria canonisado, a honra e a infamia confundir-se-hiam!

Acima da politica está a moralidade publica, está a boa reputação do funcionario, está o credito e o decoro nacional.

Esperamos portanto ver triumphante a moralidade publica, a boa reputação do funcionario, o credito e o decoro nacional.

A' GAZETA DE BRAGA.

II.

A sociedade actual que tanto se vangloria de suas innovações—nada tem que não seja um plagiato ás sociedades transactas; mas um pla-

giato parcial, defeituoso e que mais revela a má fé de quem o faz, do que a insufficiencia politica e philosophica de quem o acceita como tractado original de doutrinas puras.

Não julgamos sociedade tão desprevendida e pobre de intelligencias nem mesmo de capacidades, que possam illudil-a facilmente os que mercadagem e traficam em nome e á sombra d'ella, vendendo-lhe tinta por agua de colonia!

O que entendemos é que a maxima parte d'esta sociedade está de pleno accordo e mancomunada para se ludibriar reciprocamente.

Não pode ser outra coisa; e antes seja assim, que talvez na reciprocidade caracteristica do ludibrio «por entretenimento» consista o equilibrio das grandes massas que se agitam!

Volvamos attenta e desapaixonadamente os olhos sobre o nosso paiz e vejamos o que se passa n'elle. Uma comedia servindo de prologo—a politica acirrando paixões e vindictas, favoneando escandalos e salpicando de lama caracteres respeitaveis. Mas em tudo isto a reciprocidade no ludibrio e nas affrontas; mas em tudo isto a deslealdade, a calumnia e a intriga governando os homens e dirigindo os ataques; mas em tudo isto as ambições inspirando os raciocinios e os pretendidos raciocinadores viciando a logica dos factos com argumentações cavilosas, com sophismas indignos!

Para sermos justos como timbra-

SECÇÃO LITTERARIA.

FOLHAS PERDIDAS.

(continuado do n. antecedente).

Passaram seis mezes, Que longos dias, e que longas noites! Que morrer a toda a hora sem esperanza de salvação! Que viver aquelle, meu amigo!

Muitas noites me lembrou suicidar-me. Não podia dormir, procurava um consolo e não o achava; recordava-me de minha mãe, afagava a sua doce imagem, pedia-lhe um carinho, como que cahia de joelhos debulhada em lagrimas a supplicar-lhe perdão, e sentia-a repellir-me, e accusar-me! Levava a imaginação aos tempos da mocidade, pedia-lhe algumas flores que deixei por colher, pedia-lhe algum aroma que

não aspirara, exorava-lhe uma illusão para adormecer com ella, e todo esse campo d'hervido e perolas era secco e arido; nem uma fonte encontrava ali que me matasse a sede devoradora d'esperanças...

Era o presente, o negro presente que se me mostrava tanto mais descarnado quanto menos era a luz a que o via.

Muitas vezes eu adormeci com o rosario entre os dedos no leito da prostituição. Buscava um consolo, e Deus amerceava-se mandar-m-o. Deus que é bom, que é justo. Deus que sabia ler em minha alma. Deus que penetra no coração de todos!

Mas accordava no dia seguinte, ouvia o estridor das gargalhadas, que retombavam no meu quarto, das inquilinas do aleouco, e reconhecia a pousada que me deram os desvarios, o oasis de desesperação da viageira perdida.

Recomeçavam os meus tormentos, recommecava a lucta do dia, e demorava-se até alta noite, quando então velava a cabeça com a roupa da cama, e chorava por muito

tempo, e resava com uma unção extremosa, que me dava em recompensa algumas horas d'um sono socegado.

Vivi assim, até que um anjo do Senhor me arrebatou nas suas asas para esta doce vivenda, onde vivo com a consciencia, com «Deus e com os livros.»

Haviam de ser oito horas de uma noite de maio. Uma voz, modulada um pouco na pronuncia brasileira, chamou por mim da porta da rua.

Accudi ao chamamento. Era um homem d'estatura regular, trigueiro bastante, que me esperava como sobresaltado.

— Querias-me alguma coisa?

— Querias que me acompanhasse.

— Aonde?

— Depois lh-o direi: Vá pôr a sua capa, e volte.

Em todas estas frases havia um não sei quê de perturbação, d'imperio e de carinho.

Fui pôr a capa, e acompanhei o desconhecido.

Em todo o transitio até o Campo de St.ª

Anna, não me deu uma palavra. Assustou-me tal silencio. Perguntei-lhe onde me levava. Respondeu-me que era perto. Inseti dizendo-lhe que não o acompanhava s. continuasse a ignorar onde me conduzia Disse-me então que era a sua casa, nos Pídes, onde passava a primavera.

Segui-o. Em meia hora de caminho chegavamos aos pídes.

Entramos n'uma casa, d'um andar só, de duas janellas no andar, toda arranjada de novo, toda perfumada das arvores e das flores que a cercavam.

Subimos. Uma mulher ja idosa, mas de semblante risonho e aberto, recebeu-nos urbanamente, e introduziu-nos n'uma salinha que detava para a estrada.

PEREIRA LOBATO.

(Continúa)

mos de ser; na apreciação imparcialíssima do que entre nós se está passando não podemos deixar de expander livremente o que sentimos; e extranhos completamente a que- tões mesquinhas que ahí se ventila- lam — defendendo cada partido os seus chefes, como levados pela nos- sa ignorância a dizer que reprovamos na integridade os excessos que de parte de cada um se commettem.

Nem a situação nem os que a hostilizam procedem friosamente. Aos homens constituídos em digni- dade; aos homens que presidem á governação publica assistem direi- tos e garantias que lhes são guar- dadas, e deveres que elles nem sem- pre observam com tanto rigor co- mo lhes incumbem.

Por isso dissemos que havia re- ciprocidade e mancommunato no lu- dibrio, com que o paiz está sendo talvez flagellado.

Talvez!... digamos decerto; e não dizemos coisa que não possa pro- var-se.

O actual gabinete e a opposição que o fulmina constantemente de- viam guardar-se outras considera- ções que não se guardam e não se jogarem mutuas afrontas que não se poupam. Se uns e outros se de- bellam convictos de justiça para que recorrem a extremos tão condem- náveis?!

Se é o interesse pela causa pu- blica o estímulo que lhes accende e governa o espirito — para que se empenham em desabridas e rixosas luctas que depreciam tanto a uns como a outros?!

Ha de o paiz ser victima cons-

tante d'estas inconveniencias que vão tomando proporções criticas e já um tanto pronunciadas?!

A nossa divisa politica, já o dis- semos, é a dedicação pelo bem pu- blico, o amor puro e ardente pela prosperidade da nossa terra.

Respeitamos todos os partidos; e pelo nosso temos serio interesse.

Mas nem ao nosso, nem aos que nos são oppostos, relevamos abusos que prejudiquem a causa popular que advogaremos sempre.

E, conquanto não queiramos fa- zer coro nem com a opposição nem com o ministerio, pensamos que importa muito a este e áquella re- primirem abusos e exaltações que lhes minam a força moral — do que resulta necessariamente a anarchia.

Está mui proxima a abertura do parlamento: ahí devemos esperar que não se renovem escandalos que já se deram na epoca passada, e que se tratem a serio negocios de sum- ma gravidade, sobre os quaes se tem discursado menos honestamen- te no jornalismo.

Para nós o parlamento é consi- derado um dos primeiros cancores que nos atrophiam: temos n'elle tão pouca fé, que sendo elle um dos primeiros elementos do systema li- beral, acreditamos que ha de ser elle o primeiro a comprometter e talvez a sacrificar a liberdade. Oxa- lá nos enganemos.

Irresponsavel pelos seus actos — o parlamento tal como hoje é cons- tituído — não só prejudica o espiri- to da lei fundamental que o creou; mas attenta contra o direito publi- co e contra a dignidade nacional to-

das as vezes que em maioria abso- luta ou relativa se fez dictador.

Representando dois elementos po- líticos — o aristocratico e o demo- cratico — tem na sua mesma consti- tuição o absurdo vivo que o mata: é o absurdo que a philosophia con- demna e que os factos tornam pal- pavel: é o absurdo da superiorida- de que o primeiro tem sobre o se- gundo — duas forças de sua nature- za oppostas e que por consequente não de ou neutralisar-se ou destru- ir-se: — neutralisar-se, se alguma vez se combinam; — destruir-se, todas as vezes que se chocarem, o que mais succede e o que é devi- do ao principio hereditario que per- petua o elemento aristocratico com inteira desvantagem do elemento democratico — subordinado sempre ao outro: — não sabemos para que.

M. L. JUNIOR.

(Continúa.)

CORRESPONDENCIAS.

Guimaraens 30 de Novembro

(Cor. part. da Gazeta de Braga.)

Os missionarios modestos, que, nas largas prêdicas e outros deveres religio- sos se demoraram por aqui alguns dias, já partiram para outras terras, em que vão exercer o cargo de varões aposto- licos, de sacerdotes virtuosos e de prê- gadores infatigaveis em serviço de Deus e da humanidade, a cuja palavra ins- pirada se commovem os animos das turbas mais piedosas, se confirmam na boa fé e moral os homens menos cren-

tes, se convertem os peccadores e me- lhoram de viver muitos fiéis.

Pela sublimidade do seu ministerio, pelo esclarecido do seu entendimento, e pela humildade e compostura do seu encargo se devem reverenciar em toda a parte, como aqui foram acolhidos de um povo christão, não devasso e rude.

Com paz e alegria d'almas juvenis terminou no dia 6 do corrente o fol- guedo das estudantes, que ainda dei- xaram o pinheiro aprumado com o re- trato de Minerva collocado no cimo do agigantado madeiro, como para disgaar o caracter da festa e mostrar que a sciencia está sempre acima de tudo.

Quando vejo aquelle mocho aos pés da deusa das artes, affigura-se-me que a ave agoureira está alli como para lembrar ao homem pensador, que as sciencias se comprazem mais em ser manuseadas de noite, por entre o su- ave calar nocturno, em que aquella ave costuma ir soltar o canto monotono e triste nas quebradas dos montes e no vizo das serranias, ou, no cypreste de folhagem verde-escuro; em que o es- piritito voa solto, e, no decurso d'estas horas nocturnas, longas e frias do as- perrimo dezembro, parece gostar até d'esse bafo tempestuoso elevado no dor- so erigido do tufão, parece sympathi- sar com aquelle brado da natureza, ap- zar de vir muitas vezes interromper ao homem entregue ás vigalias laboriosas, á quietação e a paz do tão delectoso volver do galidescópo eterno e pro- fundo, a que devemos chamar medita- ção.

Mas, tornando á funcção dos estu- dantes, diremos ainda, que, costumam- do ella ser de galhardo e solemne as- pecto, menos apparatusa, porém, lhe

FOLHETIM.

Meu Geão.

Já desir ter-te escripto, mas a preguiça não m'o ha consentido. Perdoa-me pois, attenta a causa.

Hoje mesmo não me permite o tal pec- cadoinho, o mais doce de todos, que eu es- crevia coisa alguma e por isso e para não fallar ao compromisso tomado, ahí te envio o começo de um livro que tenho escripto sobre a litteratura Brasileira, por quem eu hoje me morro de amores.

Se não tiveres outro folhetim, publica-o, senão pôe de canto como coisa de pouco valor em si e de nenhum interesse para os leitores.

Cria-me sempre teu

R.

A GOVERNA

LITTERATURA BRAZILEIRA.

«O Brazil não está hoje para as lettras e as sciencias» dizia em 1863 o sr. Tor- res Homem no «Nitheroy, Revista Brazi- lense», escrevendo sobre os «suspiros poe- ticos e saudades» do sr. Gonsalves de Ma- galhães.

Inda bem que o amargo juizo e dolo- rosa sentença do illustrado critico, desde aquella epoca para cá, não ha dia em que não tenha soffrido um novo desmen- tido.

Sem fallar de todos os grandes poetas, sabios e prosadores que o Brazil desde en- tão, e já então e antes, tem dado ao mun- do das lettras, e remontando apenas uma vista d'olhos para os ultimos vinte annos, que de grandes escriptores, talentos de pri-

meira planá, não vemos e admiramos nós, como que resaltando á porfia d'aquelle solo fecundissimo, — «alma mater» — onde tudo se agiganta ao velho mundo, luz e cores e perfumes...?!

E não podia deixar de ser assim.

Os primeiros tempos da independencia, para a qual nascia o Brazil depois de trez seculos de sujeição como colonia, devotou- os elle, nação nova incendiada com o san- gue ardente dos tropicos que lhe escalda as veias, ás luctas fecundissimas da sua consti- tuição politica e n'ellas não cansou senão quando se sentiu uma grande nação, feliz e livre á sombra do sceptro constitucional e illustrado de D. Pedro 2.º

Foi então e só então que o Brazil vol- veu os olhos sobre si e em roda, e ven- do-se tão novo, tão cheio de vida, lançado no meio das mais esplendidas regiões do mundo, acalentado pela natureza com uma inexcedível prodigalidade e avigorado pelas affluencias vivificantes da liberdade, se conheceu capaz de «ver por si, comprehender, e julgar as cousas, de machar, e avançar com suas proprias forças, sentindo por to- dos os poros espriar-se-lhe a civilisação que espontaneamente o exalta e o engrandece» (1); e de realizar no mundo das lettras o que havia feito no mundo politico.

E eis-o, quebrando as cadeias de uma imitação quasi servil, a surgir para uma litteratura nova, litteratura toda sua, forte- mente caracterizada, e que da nossa só con- servou a lingua. (2)

O primeiro que levantou o grito da in- dependencia foi Gonsalves de Magalhães, lutando e realisando com os «suspiros poe- ticos e saudades» a revolução que alguns annos antes havia prophetisado e invo-

cado Ferdinand Denis, na sua excellente obra «Resumé de l'histoire littéraire du Brésil», chap. 1.º, e para o mesmo Magalhães já havia legilado antes de a emprehender. (3)

(1) Pereira da Silva, «Varões illustres do Brazil», pg. 41, obra que seria excel- lente se o critico se não escondesse quasi sempre no panegyrista.

(2) Neste ponto aparto-me do sr. Pi- nheiro Chagas, um dos escriptores da nova geração de quem mais ha a esperar para engrandecimento das nossas lettras, que n'um brilhante artigo sobre Gonsalves Dias, diz assim:

«Por ora os poetas americanos são ain- da europeus, e pedem, das plagas do novo mundo, a lyra cançada dos poetas do mun- do antigo... O fogo dos tropicos não lhes incendia os periodos, e as paisagens, que descrevem, conhecem-as nós melhor do que elles. O corpo dos poetas america- nos está na terra de Colombo, a sua alma está na Europa.»

Confesso que não vejo tal na poesia Bra- zileira, e para mim é ella, repito-o, uma poesia verdadeiramente nacional e creio só o não será para quem a desconhecer ou fechar os olhos á verdade

Quem sabe? ... talvez que, e estou em crel-o, tal percha e accusação, impostas ás produções de nossos irmãos d'além, não d'hoje nem a hontem, pois que o sr. Pi- nheiro Chagas, sempre tão original, não foi aqui mais que o echo de uma falsidade dita e redita, possam e devam ser attri- buidas ao nosso sedico orgulho que nos cega a ponto de não vermos os solemnes desmentidos, que em novas produções nos

estão dando todos os dias os poetas de Santa Cruz!...

Se a desculpa para nós não estiver no que acabo de dizer, confesso que não sei como abonar o conhecimento que fingimos ter da litteratura Brasileira.

Ora leiam o que em 1861 diz o joven Academico de S. Paulo, immenso e fecun- do viveiro de brilhantes escriptores, A. M. Fernandes, repetindo o que antes d'elle ha- viam dito e redito os primeiros escriptores do Brasil, rebatendo o que d'elles entre nós se passa e escreve:

«Em um paiz, onde a poesia trata de cada flôr, onde a luz do céu inspira a fronte de seus filhos, e o côar mavioso da brisa nos coqueiros floridos de nossos desertos, murmuram legendas encantadoras ao ouvido attento do poeta e do romancista; seria loucura, penso eu, abandonar tantos the- souros que vislumbra de continuo a nos- sos olhos para mendigar as migalhas do banquete estrangeiro.»

Mas inda que assim não fosse, inda que os poetas Brasileiros houvessem engeitado a America para só cantar a Europa, que deslastre viria d'ahi para a sua pessoa? não poderia, mesmo assim, tomar ella uma feição especial e toda sua?

Se a originalidade de uma poesia está em cantar o sabiá em vez de cantar o rou- xinol, fraca originalidade é essa!

Leiam-se, quanto ás chamadas litteratu- ras-reflexos, as paginas eloquentes que o sr. Lopes de Mendonça escreveu sobre o caso, no seu livro, estimavel inda que incompleto, «Memorias da Litteratura Contemporanea» pg. 2 e 3.

(3) No Nitheroy pg. 144 a 146.

correra este anno a gentileza, talvez motivada por causas bem notaveis, por uma razão capaz de a tomar a final bastante decalada de sua passada grandeza — o desejo, ou, diremos melhor, o orgulho da festa, que só consente em seu seio todo aquelle mancebo que aqui estuda ou estudou as excellencias d'uma lingua morta, enriquecida e escura, exclusão, que no abranger do direito róça pelas durezas pouco justas, para té sobre o bufete de muito joven es-

belde, hoste de direito singular, que deslumbra e apaga o ardor do coração novo, e, como que a esmorece nas aspirações das vontades individuaes, sem haver impulso ardente, palpitante dentro do peito, que não pare e fique immovel em frente do direito exclusivo; enthusiasmo puro e nobre, que não respeite essas prerogativas, que, como preeminencia honorifica, muita intimada é da mocidade alfaiada em conhecer as grandezas d'um idioma, que, segundo a phrase d'um antigo e illustrado medico da capital, nem por isso faz entender melhor os que o estudão.

Os profundos latinistas dirão se n'isto fallou verdade aquelle notavel escriptor e honrado filho da celebrada e frequentada Lusitania das poeticas margens do Mondego.

Da acção feroz e abjecta do amor maternal, indigna da maior affeição extrema que a Providencia concede ao coração compassivo e bom da mãe honesta e authora dos dias d'um ente innocente e socegado, chegado a este mundo ingrato, e d'antemão amado já, muitas vezes, quando o germen da geração se desenvolve dentro da ventre d'as mães, motor fecundo e abençoado da propagação humana; d'essa acção injusta, digo eu, que desconhece as attribuições da melhor caridade, de envolta com as obrigações affectuosas do sentimento materno, é recente e duro exemplar o caso que ha poucos dias se vira á porta d'uma casa muito visinha e quasi defronte do domicilio em que residimos.

Desagradavel foi elle de certo, foi de apresentar uma creança recém-nascida, á porta do predio em que mora a familia do sr. Francisco Ferreira, parente d'outra familia d'essa cidade; creança que, segundo nos disseram, estava vestida pobremente, o que não impedia que a belleza da creança deixasse de se notar, e de sympathisar até com o seu infortunio n'aquella idade dos anjos.

Já se intende, que para qualquer familia caridosa, o melhor dever, depois da admiração, seria satisfazer o inesperado encargo de dar á creança o destino competente.

Bom observadora d'essa commissão hein agradável aos olhos de Deus e da illustrada honra social, se mostrou essa familia em tal conjunctura; mandando uma criada sua levar a creança á pia baptismal e em seguida entregal-a á casa dos expostos.

Numerosas pennas de escriptores conspicios se tem entregado a estigmatizar esta ruindade de abandonar os filhos; muitas intelligencias esclarecidas e liberaes mostram intuitos de querer melhorar as condições das rodas.

Todas as camaras do reino olham

por suas generosidades, e querem reformal-as em suas intenções.

Por instancias de homens abalizados em seu discorrer, se vai brevemente crear a instituição de casa beneficente, na cidade do Porto, onde, a nosso julgar, se colherão muitos e bons resultados.

Nós, com o sentir de honestidade, que nos prezamos de ter, amparado com os brios da humanidade, louvando todos esses salutariferos propositos; tendo narrado os pormenores d'este successo aos leitores da «Gazeta», não devemos terminar, sem reprovár do mais intimo d'alma, essa crueldade do amor maternal, que nem as mulheres violentadas pela indigência devem cometer, mas, com traço o dizemos, se vai reproduzindo a cada passo.

Nem isto é devido á roda estar fechada de noite; descerrado e aberto ao publico estava d'antes o rodar conductor do engeitado; estava patente de noite; já então muitas creanças, roubadas da sua coroa protectora da perfilhação, se encontraram em logares escolhidos pelo mensageiro da creança deixada em sitio deserto.

Para o lado da ponte de Sancta Luzia (sem rio lhe chamam os bracarenses, por não estar ao pé a corrente caudalosa) para o lado esquerdo da estrada, houve, no meado da semana passada proxima, um concorrido arraial, composto, na sua maior parte, de gente da cidade.

Hoje é a festividade de Sancta Luzia, cuja imagem se venera n'uma capella pequena e baixa d'esta cidade.

No tribunal tem havido ultimamente audiencias geraes, a que tem comparecido o sr. juiz, em que se vê tomar a defeza de alguns reus, o sr. Bento Antonio d'Oliveira Cardoso, que, com aquella somma habilidade que o caracteriza, e que em tudo revela, sale captar a benevolencia do auditorio.

As muitas occupações litterarias não permitem deixar aqui consignadas outras noticias locais, que, na primeira occasião farei constar aos venerolos leitores do periodico de v., sr. redactor, de quem me praso ser antigo companheiro de collegio e amigo affeiçoado.

F. J. de Oliveira Lemos.

Com a devida venia transcrevemos da «Gazeta de Portugal» a seguinte e mimosa poesia do festejado poeta — João de Deus.

A lua

Mimosa noite d'amores,
Mimosa noite de flores,
Mimosos languidos ais!
Vergontea debil ainda,
Tremia! Luz tão linda,
Lembra-me ainda! . . . jámais!

E a dáliazinha mimosa,
E o botãozinho de rosa
Dos labios d'ella. . . . Senhor!
Murchavam . . . mas como a lua,
Passava a nuvem. . . «sou tua!»
Reverdeciam d'amor!

E aquella estatua de neve,
Como é que o fogo conteve
Se eu a não vi descoalhar?

Ondas de fogo, uma a uma,
N'aquelle peito d'espuma
Eram as ondas do mar!

Como os seus olhos me olhavam!
Como nos meus se apagavam
E se accendiam depois!
Como é que ali, confundidas,
Se não trocaram as vidas
E os corações de nós dois!

Mimosa noite d'amores,
Mimosa noite de flores,
Mimosos languidos ais!
Vergontea debil ainda,
Tremia! Luz tão linda,
Lembra-me ainda! . . . jámais!

GAZETILHA.

Do «Conservador» chegado hontem transcrevemos as seguintes e importante noticias:

Grande furacão. — Lisboa foi hoje alvoraçada por um grande acontecimento. A's 9 e meia horas começou a soprar um violentissimo vento de sueste, o qual foi virando para sudoeste, rondando para noroeste, com tal violencia e velocidade como ha muito se não sente outro equal. Foram grandes os desastres e prejuizos tanto em terra como no mar.

Daremos breve resenha do que sabemos ter occorrido até esta hora.

Na ponte do caminho de ferro estava o brigue francez «Boieldieu» a descarregar machinas, madeira e tijollo, e indo de encontro á ponte ficou feito em pedaços submergindo-se e repentinamente, tendo podido salvar-se a tripulação que se compunha de 9 homens.

Um cahique de recreio dos empreiteiros da linha ferrea afundiu-se, ignorando-se o destino que levou um homem que estava a bordo.

Seis fragatas e um hiate que estavam a descarregar fazendas diversas e tabaco no caes da alfandega foram a pique salvando-se comtudo a tripulação.

Trinta e tantas outras fragatas soffreram grossa avaria, virando-se umas, desarvorando outras, ficando outras cheias de agua.

Muitos boques e escaleres se afundiram. A tripulação do brigue «Voador do Mondego» salvou-se por um milagre.

O brigue «Bom successo» encalhou na praia de Belem, e o escaler de registro, que ia para lhe levar soccorro, foi a pique, salvando-se tambem milagrosamente 17 homens que o tripulavam.

Trez embarcações de guerra garra-ram.

Muitos navios mercantes abalroaram, e soffreram avaria.

O Tejo viu-se coalhado de charutos e fardos de tabaco, bem como d'outros volumes de diversas fazendas.

O guarda-mór da alfandega estabeleceu um cordão policial de guardas desde a alfandega até á Madie de Deus para proteger os salvados.

Quando fechou a alfandega havia já salvado 144 fardos de tabaco.

Os prejuizos no mar excedem a 300 contos de réis.

Os marinheiros eram arremeçados pelo vento da proa á ré. Muitos cahiram das vergas. Houve bastantes ferimentos e ere-se que mais d'uma morte.

Em terra os desastres foram fannos numerosos.

No caminho de ferro desabaram algumas barreiras.

Grande numero de postes da telegraphia electrica foram derribados.

Em todos os passeios, largos e jardins foram arrancadas arvores e arremeçadas a grandes distancias.

Nas obras do hospital Estephania, na quinta da Bemposta, houve grandes estragos.

Cairam alguns muros e pardieiros.

No asylo de Mendicidade foram arrancadas 11 janellas e uma porta ficando ferido o sr. cirurgião Brito.

Do palacio da Ajuda caiu uma grande pedra sobre uma casa que ficou completamente inhabitavel.

Na freguezia de Santos desabou uma casa cuja familia estava almoçando n'aquella occasião, tendo todavia tempo ainda de salvar-se.

Um barracão recentemente construido no arsenal foi pelos ares.

O castello de S. Jorge ficou quasi destelhado.

As janellas do coro da Graca foram feitos pedaços.

A officina de cerração de madeiras abateu quasi toda.

A fabrica de phosphoros da viuva Osti, soffreu grandes estragos.

Na travessa da Veronica desabou um grande muro, que feriu dois homens.

Muitas casas ficaram sem chaminés.

A guarita do Largo da Estrella foi deitada a terra vindo a rolar com o soldado dentro.

O tabuado que cerca o monumento a Camões foi quasi todo a terra.

Os beirões de muitos telhados foram pelos ares.

Quebraram-se alguns candieiros da illuminação, e caíram muitos tectos de estuque.

Nas ruas houve alguns ferimentos.

Não ha memoria d'um furacão equal Amanhã proseguiremos noticiando os estragos.

O sr. Mendes Leal pediu, e foi-lhe acceita effectivamente a exoneração da pasta da marinha.

O sr. ministro das obras publicas tomou posse, na quarta feira, interinamente da direcção d'aquelle ministerio.

São diversos os boatos, que correm ácerca dos motivos, que levaram o nobre ministro a pedir a sua exoneração. Por ora nada se pode aventar com certeza.

Por uma carta, que temos á vista, de Lisboa, somos informados de que o motivo da demissão do sr. Mendes Leal é «mui outro de todos aquelles, que o jornalismo apresenta».

Os proprios adversarios do nobre ministro confessam, que s. ex.^a é um homem de bem e honesto, apesar de alguns erros, que tenha commettido.

A pasta da marinha tem sido offerecida a alguns cavalheiros, que a rejeitaram.

Affirma-se, que o ministro da justiça quer deixar a sua pasta.

